

## “PRA ENTENDER O ERÊ TEM QUE TÁ MOLEQUE”: AS INFÂNCIAS DE JOÃO E MARIA, EM LÁZARO RAMOS\*

Débora Cristina de ARAÚJO<sup>√</sup>  
Luís Thiago Freire DANTAS<sup>√√</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe analisar o lúdico expresso na poética de Lázaro Ramos em duas obras infantis: **Caderno de rimas do João** e **Caderno sem rimas da Maria**. A teoria sobre Literatura Infantil (com ênfase na poesia) e a Filosofia são convocadas no texto para discutirem o jogo de palavras como elemento lúdico. João e Maria, personagens fictícias e, ao mesmo tempo reais, serão elencadas à categoria de eu-lírico ao lado do “pai-lírico”, autor que assina ambas as obras inspiradas nas crianças de/em sua vida. Por isso acionamos a figura do erê (a criança que habita em cada ser humano) como a metáfora desta relação entre o escritor que escreve com/para a criança, salientando, ao invés de adultocentrismo, uma atitude de **infancialização**, ou seja, de ativação da criança no adulto. Na primeira parte do artigo, retomaremos momentos da história da literatura infantil no ocidente, com ênfase às personagens negras no contexto brasileiro, evidenciando os limites de representatividade. Em seguida analisaremos como o lúdico, por meio do jogo e da poesia, é expresso nas vozes de João e Maria, reconhecendo a importância de obras, como essas, que realçam a beleza estético-literária das crianças negras no texto escrito. Nesse sentido elas serão identificadas como produtoras de múltiplas interpretações do mundo para além de experiências relacionadas ao racismo e à violência. Por fim, argumentaremos sobre a necessidade de, inspirados/as no autor, praticarmos também a infancialização na escrita literária e nos modos de produção acadêmica.

Palavras-chave: Literatura infantil. Lúdico. Filosofia. Infancialização. Criança.

\* Artigo recebido em 05/03/2020 e aprovado em 25/05/2020.

<sup>√</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Educação das Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do LitERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias.

<sup>√√</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor de Filosofia da Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Milhões de anos-luz podem durar  
O que alguns segundos na vida  
Podem representar  
O erê é a criança  
Sincera convicção  
Fazendo a vida como o sol nos traz

Da Gama, Toni Garrido, Bernardo Vilhena

## 1 INTRODUÇÃO

A produção da infância no ocidente envolve um complexo arcabouço discursivo, material, social e econômico que, por vezes, inviabiliza o protagonismo dos seres dela oriundos: as crianças. Como elas pensam, veem e expressam o mundo a sua volta costumam ser perguntas menos relevantes do que o que se pensa e se produz para e sobre elas. Assim, a antiga dicotomia **para** a criança e não **da** criança é fortalecida, sobretudo pelos produtos culturais da infância: livros, brinquedos, desenhos, etc. Ademais, os modos de sujeição dos seres que habitam a infância envolvem um processo de invisibilização de seus potenciais em prol de uma maturidade, reconhecida como ápice do desenvolvimento humano.

Tomando esse quadro ocidental acerca da infância, identificamos o lúdico como expressão máxima do mundo infantil. Imbricado no lúdico está o jogo, discutido aqui a partir do que propõe Johan Huizinga (2007), quando designa a humanidade como *homo ludens*<sup>1</sup> e reconhece o jogo não apenas como mais um elemento cultural humano e sim como a própria cultura. Assim, o jogo atua “como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 2007, p. 4). Diferentemente da compreensão convencional de jogo com um objetivo final, ou seja, com uma vitória a ser alcançada, para o autor o jogo como elemento cultural está intimamente ligado às

---

<sup>1</sup> Huizinga (2007, p. 3) explica que, historicamente, a primeira designação atribuída à espécie humana foi de *homo sapiens*, mas tal designação demonstrou-se como insuficiente para abarcar a complexidade humana. A mesma insuficiência aconteceu no século XVIII com a designação de *homo faber*. Por isso autor recorre a uma terceira, *homo ludens*, que justamente reconhece o jogo como elemento da cultura humana e, por consequência, orienta o nosso raciocínio e o nosso ato de fabricar objetos.

relações humanas e, portanto, à vida cotidiana. Assim, o lúdico é aquilo que perfaz a própria humanidade de ser humano.

Como ser lúdico que é, a criança tem no jogo um importante aliado na construção de sua subjetividade, devido a sua capacidade de desvelar o que estava encoberto. É a partir dessa perspectiva que neste artigo propomos analisar o lúdico expresso no jogo e na poética de Lázaro Ramos nas obras infantis **O caderno de rimas do João** e **O caderno sem rimas da Maria** (RAMOS, 2016; 2018), visando refletir sobre o erê (a criança que habita em cada ser humano) como matriz intrínseca à vida humana.

Tal proposta, organizada como artigo, também pretende acionar a dimensão da infância numa discussão de âmbito acadêmico, provocando-o, pois nos parece que, de modo geral, a presença da infância em contextos acadêmicos representa constrangimento e, sobretudo, desconfiança de sua consistência teórica e importância para a produção científica geral. Ao contrário, o que almejamos aqui é refletir sobre as potencialidades do pensar criança em diálogo com a filosofia e a literatura infantil. Para tanto, recorreremos a um importante conceito de Renato Nogueira e Marcos Barreto (2018, p. 627) denominado **infancialização** e definido como “uma maneira de perceber na infância as condições de possibilidade de invenção de novos modos de vida”, seja a qualquer tempo ou momento da vida. Por isso, para os autores, infancializar é “ativar a infância em adultos”. Tomando tal assertiva, neste texto, se não for possível nos reconciliarmos com nossas infâncias, possibilitaremos, ao menos, produzir com a criança e não sobre ela.

Para tanto, convidamos duas delas: João e Maria, junto com seu pai, Lázaro Ramos. Destacaremos essa relação como a possibilidade mais concreta na atualidade de produção acadêmica com a presença da criança: quando sua voz reverbera em significados e ações. Nessa proposta, também tomaremos a voz do pai, Lázaro, como a via escrita dos pensamentos e palavras de João e Maria, protagonistas neste processo. Mas não entenderemos Lázaro como mero coadjuvante pois, para nós, “pra entender o erê tem que tá moleque” (DA GAMA; GARRIDO; VILHENA, 1996). Sua função de escriba reflete-se, também, em um contínuo exercício de superação do **adultério** que nos acomete quando nos desconectamos das nossas infâncias. Na perspectiva de Alexandro Rodrigues et al.

(2017, p. 11) adultério representa “[...] o reino dos adultos que traíram a própria crianceria em busca das promessas de poder, completude e conforto no invivível ser sempre ‘igual’”.

Ainda que tenhamos a informação, via uma entrevista, de que Lázaro Ramos (ator, diretor e escritor), antes do nascimento de seu filho João Vicente, escrevia pensando na criança que foi – mas depois de tal chegada passou a escrever a partir das experiências do filho –, entendemos que o processo de projeção sobre a infância de outrem é, também, uma renegociação com sua própria crianceria.

Assim, concordamos com Davis Moreira Alvim e Izabel Rizzi Mação (2018) sobre o fato de que não há faixa etária específica para demarcação do que é ser criança. Ainda que não sejamos todos ou todas crianças, quando nos perguntamos e perguntamos ao mundo a nossa volta, estamos criando, pois “ser criança é a arte de saber perguntar” (ALVIM; MAÇÃO, 2018, p. 72). Quando em nós não predominam as “forças adultas”, com funções de “conservação, de adaptação e de utilidade” (ALVIM; MAÇÃO, 2018, p. 79), mantemos alimentadas nossas “forças crianças” de questionamento e de criação, tal como faz o autor-coautor das obras **Caderno de rimas do João** e **Caderno sem rimas da Maria** (RAMOS, 2016; 2018).

A superação do **adultério** também pode representar, nessa compreensão, um cultivo da infância, identificando-a não como uma fase da vida, mas como capacidade de reinvenção e de ressignificação. Noguera (2017) encontrou no idioma zulu duas palavras que denotam esse desejo de cultivo da infância: *ubungane* e *ubuntwana*. A primeira aproxima-se da concepção ocidental de infância como etapa da vida, ou “fase em que as crianças habitam” (NOGUERA, 2017, p. 115, nota de rodapé 8). Já *ubuntwana* contém um significado mais amplo, entendendo a existência da infância de modo ininterrupto e a vida não por meros estágios ou etapas a serem superadas com vista ao aumento do (auto)conhecimento. De modo diferente, *ubuntwana* envolve a constante capacidade de reinauguração da realidade:

A palavra *ubuntuwana* pode ser traduzida como ser de algo. Dito de modo simples, uma característica importante para estar presente no tempo presente. Por isso, educar é um exercício de cultivo da infância, uma ação presente. Com efeito, não cabe perguntar: o que uma criança quer ser quando crescer. Porque ela não precisa crescer para ser alguma coisa. Toda criança já é alguma coisa. Qual é o perigo de fazer a pergunta, 'o que você quer ser quando crescer'? Simples: esvaziar o presente (NOGUERA, 2017, p. 122).

É a partir desse significado que privilegiamos especialmente a palavra *ubuntuwana* para refletir sobre as infâncias que se anunciam neste texto. Essa perspectiva opõe-se a outras posições reducionistas tanto da criança quanto da infância como, por exemplo, a noção de infantilização e de infantil. Dentre outros significados, **infantil** quer dizer "ingênuo, inocente" (MICHAELIS, 2008, 470), definições que também podem ser associadas a um sentido pejorativo de fragilidade. Ao provocar tais palavras e significados, estamos nos aproximando do que defende Wanderson Flor do Nascimento (2012, p. 41-42):

Quem sabe, através deste movimento, possamos encontrar subsídios para pensar de outro modo nossas relações com a infância e com a formação em nossa própria circunvizinhança. Se estas outras imagens nos são apresentadas, podemos construir alianças, outros sentidos para os modos como pensamos e agimos com relação a nós mesmos, à infância e à educação. E, talvez, esta nova relação nos apresente outra infância, a partir da qual possamos nos relacionar infantilmente com o mundo e conosco mesmos.

Propomos, nesse sentido, um relacionamento infancializado e não infantilizado com o mundo que, no protagonismo de João e de Maria, envolve uma percepção sobre a infância que nos convida a construir outras possibilidades de existência. Uma existência caracterizada pelas invenções de palavras e pela resignificação das coisas. Assim, na primeira parte do artigo discutiremos as relações entre Joões e Marias como metáforas sobre a história da literatura infantil ocidental, localizando as condições de representatividade de personagens negras na literatura brasileira. Em seguida analisaremos como o jogo, o lúdico e a poesia são expressos nas obras de Ramos (2016; 2018). Por fim, argumentaremos sobre a necessidade de se infancializar a escrita e os modos de produção acadêmica e literária.

## 2 CADA UM TEM O JOÃO E A MARIA QUE MERECE

Há o tempo de se recuperar, a personagem de fundo ganhar o primeiro plano, a libertação da voz silenciada, a revelação de visões de mundo não consideradas... E a palavra vai sendo adequada a novos conteúdos vivenciais.

Cuti

A produção literária infantil brasileira assumiu, historicamente, valores europeus, não somente devido à tendência nacional de adesão compulsória aos princípios eurocêntricos, mas, principalmente, pela sua trajetória, que seguiu caminhos diferentes da literatura **adulta**. Esta foi, desde seu início, expressão do êxito do domínio português no Brasil – já que só era considerada literatura do país os textos escritos (e não orais) e em língua portuguesa. Isso eliminou o reconhecimento de produções que trabalham esteticamente com a palavra (uma das definições de literatura) oriundas de outros idiomas, como o tupi ou o guarani. Também, as abordagens temáticas e os cenários culturais escolhidos para os textos eram pouco representativos da população nativa deste território. E disso para a construção de um cânone enfaticamente branco e eurocêntrico foi questão de tempo. Como nos mostra Flávio Kothe (1997, p. 49):

A descrição de caminhos, encantos, problemas sociais e identidades nacionais é um dos percursos da literatura brasileira, como também é a interiorização do eurocentrismo, transformado em critério de constituição e avaliação do paradigma literário, do cânone da literatura 'nacional' (de 'nações' que não são 'nações').

Já a literatura infantil, desenvolvida oficialmente na transição do século 19 para o 20, nasceu no bojo da escolarização das crianças burguesas. Nessa dimensão, é facilmente possível localizar a dupla invisibilização da criança negra: ela não era nem tema e nem leitora<sup>2</sup>, já que se pressupunha, inicialmente, apenas a literatura com fins didáticos, valores urbanos e industriais para atender à população

---

<sup>2</sup> Nesse aspecto em especial a literatura infantil assemelhava-se àquela endereçada ao público adulto, captada ainda hoje por Cuti (2002, p. 23): "A experiência do leitor negro ante o grande espectro da literatura nacional é a mesma de quem estivesse ouvindo uma conversa entre brancos, atrás da porta, do lado de fora. E só encontra uma saída: abstrair-se de sua concretude e admitir, em si, o branco, enquanto autor, personagem principal e destinatário do discurso".

branca, isso quando não se assumia um ufanismo e uma brasilidade idílica, como discute Maria Cristina Soares Gouvêa (2005, p. 83):

Na produção literária das duas primeiras décadas do século XX já havia uma preocupação com a nacionalização da produção. Porém esta se traduzia em textos que falavam do país numa perspectiva marcadamente ufanista, que glorificavam as grandezas do nosso povo e da nossa terra, claramente identificados com a cultura europeia. Tratava-se de desenvolver o sentimento de amor à pátria e, ao mesmo tempo, veicular um ideal civilizatório europeizado.

Adicionado a isso, ainda circulava, neste período, uma literatura traduzida ou mal traduzida (com português de Portugal), retratando contextos culturais europeus como se fossem locais e, principalmente, idealizando modos de existência mais próximos de uma suposta civilização. E ainda que no decorrer do século 20 Joões e Marias não fossem mais meras traduções de contos da Europa, eram bastante distantes das possibilidades de existência do João e da Maria que discutiremos neste texto. Enquanto o jovem negro “era percebido como potencialmente perigoso, fonte de agitação, insubordinação ou vagabundagem” (GOUVÊA, 2005, p. 86), as poucas aparições do menino negro no início do século passado denotavam um “moleque de recados”, com função coadjuvante ou abestalhada. A menina, por sua vez, não se fazia presente nos textos até possuir condições físicas para o trabalho doméstico. Só a partir daí sua função passava a ter relevância nas tramas como a cozinheira, a contadora de causos e, quando mais velha, assumia, assim como os homens, a função de detentoras do folclore brasileiro “e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos [demais] personagens”<sup>3</sup> (GOUVÊA, 2005, p. 86).

Já as perspectivas do João e da Maria que compõem este texto partem de um encontro diaspórico, do entremeio e da intersecção entre longe e perto, África e Brasil, eu-lírico e pai-lírico, autoria e tradução (ou seria traição?), voz ouvida e voz interpretada. Nesse processo encruzilhado, pai, filho e filha produzem o efeito de uma “comunicação transcultural”, a qual Muniz Sodré (2017, p. 22-23) define não como “um diálogo ‘entre’ formações que se pretendam verdadeiras e estanques,

<sup>3</sup> Mas nem mesmo esta característica das personagens negras aciona elementos positivos no modo como eram apresentadas, pois excluído “do projeto de modernização do país, e afirmado estereotipicamente em sua identidade cultural constituidora da brasilidade, o negro assumia um espaço mítico ao longo da narrativa, negado em sua concretude, mas reificado e folclorizado no imaginário literário” (GOUVÊA, 2005, p. 84).

mas a lógica do *trans* ou do vaivém ‘através’ dos limiares do sentido [...] que abrem caminho para novos termos das disputas de sentido”.

Essa disputa de sentido em João e Maria ganha presença através da produção de palavras como se elas estivessem no interior de um jogo. Podemos dizer que ambos poetizam, já que a poesia se caracteriza como uma forma de jogar com as palavras para que elas suscitem outros significados. Esse aspecto é explicado por Alice Áurea Penteado Martha (2011), referindo-se ao ato de construção poética das palavras como uma ferramenta do/da poeta que metamorfoseia figuras até então ausentes no entendimento habitual:

[As palavras] organizadas de maneira própria, com ampla significação, para além do óbvio e do previsível, tornam-se símbolos do real, requisito fundamental na construção da imagem poética. [...]. Afastando qualquer possibilidade de representação lógica de conceitos ou da realidade (MARTHA, 2011, p. 46).

Partindo dessa condição, compreendemos a rítmica de João e a invenção de sentidos de Maria como próximos daquilo que Dismas Masolo (2009) conceituou como “descentramento da racionalidade”, ou seja, um modelo pluralizado da razão, que supera dicotomias entre verdadeiro e falso, verídico e fábula. Do ponto de vista acadêmico, mobilizar tal conceito pode, por vezes, ser considerado arriscado, pois no modo convencional de pensar um problema teórico impera a “monorracionalidade”, ou seja, uma única perspectiva interpretativa de um problema. Masolo, no entanto, reconhece na “polirracionalidade” – uso alternado de múltiplos modelos (MASOLO, 2009, p. 510) – a potência para a resolução de problemas sem que conceitos abstratos<sup>4</sup> percam em rigorosidade analítica. Entendemos que o descentramento da racionalidade também pode contribuir para a interpretação da poética de João e Maria quando subvertem, criam e/ou ressignificam palavras e conceitos.

Além disso, as vozes de/em João e Maria assumem um papel incomum às crianças negras na poesia: o de realocar suas vozes líricas à “primeira pessoa do

---

<sup>4</sup> Um exemplo citado pelo autor e que tem exitosa aplicação do “descentramento da razão” relaciona-se à noção científica de extensão e volume. Quando se desenvolve uma pesquisa nas áreas da física ou matemática, a medição de corpos é crucial para uma rigorosidade, o que requer um método unilateral para alcançar os resultados mais eficientes possíveis. Porém, Masolo afirma que a polirracionalidade não menospreza o rigor do método, e sim propõe diversos caminhos para resolução de um problema.



negro”, tal como nos aponta Cuti (2002, p. 28). São crianças negras, registradas em texto escrito por um pai negro, que escreve, a partir de sua vivência como pessoa negra, o seu olhar, somado ao de seu filho e de sua filha – ambos negros –, sobre o mundo. Isso não é pouca coisa, sobretudo se lembrarmos que essa experiência para o autor negro ou autora negra é recente, já que estamos há pouco mais de 120 anos do término oficial da escravização. Assim, é fato que o texto literário de autoria negra se caracterize “pela ousadia no tempo” (CUTI, 2002, p. 32).

E a ousadia, no caso dessas duas crianças, vai além, por serem elas vozes propositoras de textos que provocam as funções da linguagem. Tal como diz Edimilson de Almeida Pereira (2005, p. 47) e como será possível observar nas seções seguintes, as palavras criadas ou ressignificadas por João e Maria extrapolam o registro escrito e produzem “uma penca de ideias”. A polifonia, marca predominante dos poemas, não ocupa sozinha o papel central nos textos em questão: ao seu lado está um embate muito interessante entre a função referencial, a função metalinguística e a função poética.

### 3 O JOGO DE JOÃO E MARIA

Como já ressaltado, a ludicidade é uma marca recorrente na produção literária infantil, por estar intimamente ligada com o mundo da infância. Ao ressaltar a linha divisória, na época grega, entre a expressão filosófica e poética como uma relação entre jogo e cultura, Huizinga (2007, p. 89) reconhece que, mesmo com as formas “mais complexas da vida social a religião, o direito, a guerra e a política vão gradualmente perdendo o contato com o jogo [...], a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que nasceu”. Não gratuitamente, a *poiesis* (o ato de tornar visível aquilo que está oculto) funciona como uma região lúdica da mente quando relaciona coisas que aparentemente não teriam lógica ou causalidade. Por tal maneira, conforme o autor, a poesia encontra-se acima da seriedade: “naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso” (HUIZINGA, 2007, p. 89), sendo capaz “de envergar a alma da criança como se fosse uma capa mágica, e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto” (HUIZINGA, 2007, p. 89). Martha (2012, p. 47) acrescenta, sobre a teoria do autor,

que na aproximação entre o lúdico e a poesia, “predomina a liberdade de criança, pois a construção poética, dotada de elementos que aproximam a arte do lúdico, reorganiza a palavra, mediante ordenação rítmica ou simétrica, nem sempre seguindo a ordem manifesta no mundo real”. E tanto o jogo quanto a poesia colocam-se além do lógico ou além dos padrões pré-estabelecidos. Assim, Huizinga (2007, p. 89) afirma que o “verdadeiro jogo” ilude a razão humana e convida o adulto a jogar como uma criança.

Em **Caderno de rimas do João** e **Caderno sem rimas da Maria**, ambos de autoria de Lázaro Ramos (2016; 2018), identificamos esse “verdadeiro jogo” por meio de características como subversão da linguagem, brincadeiras com palavras e significados com vistas a evidenciar o pensamento da criança e sua estética. No primeiro livro (*Caderno de rimas do João*), o eu-lírico anuncia, no **Prólogo**:

Como começou a rima?  
 Perguntou logo João.  
 Resposta: talvez na hora  
 em que bateu um coração  
 [...]
   
 Resolveu então fazer  
 o Caderno de rimas do João.  
 Escreveu várias palavras  
 e começou com a missão  
 de explicar sempre em rima  
 o que lhe manda o coração. (RAMOS, 2016)

Seguindo o que “manda o coração”, o livro é composto por 28 poemas rimados cujos temas perpassam reflexões acerca do cotidiano de João sobre vida, amor, música, morte, família, política e outras questões. Já em **Caderno sem rimas da Maria**, ela anuncia no início do livro que, ainda que rima seja bom, “Arte nobre, coisa fina” (RAMOS, 2018), tem opinião diferente de seu irmão, João: “[...] não gosto, é meu direito. [...] O caderno é legal e me ensina, mas minha história é de outro jeito, eu não sou dessa rotina. Se quiser, eu uso prosa, verso, conto: isso é o que me fascina” (RAMOS, 2018).

Se João projeta, através do jogo rítmico, outros significados às palavras, já Maria provoca a linguagem em dupla frente: resistindo à rima como característica **típica** dos poemas de/para crianças; e criando outros significantes pela junção de palavras.

Mas ambos, sem dúvida, produzem um jogo descolonizador da linguagem, pois, enquanto João propõe “um jeito de fazer isso aqui [o caderno] mais divertido” e entender “algumas coisas de um modo mais colorido” (RAMOS, 2016), Maria convida o público leitor a entrar na brincadeira: “você se animou tanto, que vai entrar no meu brinquete, vai correr que nem foguete e criar mil palavretes!” (RAMOS, 2018). Assim, o lúdico como expressão da cultura humana é manifestado em ambos os textos, num jogo estético com a linguagem, demonstrando sua conexão intrínseca com a poesia relacionada ao mundo da criança. Tal conexão, para Martha (2012, p. 47), deve ser entendida como “um jogo que apresente recursos formais imprescindíveis como onomatopeias, rimas, repetições, paralelismos, contrassensos, jogos sonoros entre outros mais [...]”.

Esse jogo pode ser expressado como drible<sup>5</sup>. Conforme defende Nogueira (2013), o drible “é um modo de encontrar saídas, alternativas para a interdição de espaço”. Nessa perspectiva, João desconcerta, desvia e destoa do convencional ao apresentar possibilidades improváveis de combinações rítmicas e semânticas, num processo de “descentramento da racionalidade” (MASOLO, 2002): “Não é estranho. / É juntar fome com inhamé. / O importante no jogo / é você não dar vexame. / Sem medo e sem limite, / o que vale é o palpite. / Solte a criatividade. / É gostoso de verdade” (RAMOS, 2016). Mas no texto também se destaca a capacidade do lúdico como equilíbrio na junção entre fruição e crítica social. Um exemplo é o poema “VIP”:

Uma tia me falou  
que é uma coisa chique.  
Mas achei foi coisa besta,  
me parece que é chique.  
Um cercado especial  
colocando um limite.  
Eu até entendo quem usa,  
mas gosto mais de ser livre  
pra dançar o xique-xique.  
(RAMOS, 2016)

Em Maria o efeito do drible é identificado em sua atitude, enquanto eu-lírico, de subverter e/ou criar novas palavras:

<sup>5</sup> Uma das explicações sobre a origem do drible é que ele foi criado por jogadores negros como estratégia para “escapar” dos ataques sofridos por jogadores brancos e das injustiças que sofriam na não marcação de faltas diante das agressões.

Meu cabelo é bem crespinho, uso *black* e uso cacho. Às vezes, meu pai faz carinho e a mão fica presa, parecendo um embaraço. Mas não é. É um convite para fazer um denguidacho. **Denguidacho** é um carinho mais demorado na cabeça, nos meus cachos. Eu adoro! (RAMOS, 2019)

Em pesquisa etimológica do termo drible, Noguera (2013) identifica no idioma kikongo o vocábulo *dibo*, que “significa tanto o nome de uma planta quanto um tipo de dança, ou ainda, radical da palavra ‘dibotar’, que significa discursar, palavrear”. Dessa forma, acrescenta o autor: “[...] podemos interpretar que o sentido de discursar em Kikongo remete a dançar com as palavras, rodopiar com as letras ou ter molejo com o que se diz para conduzir quem ouve para onde se deseja” (NOGUERA, 2013). É o que Maria faz ao propor novas palavras: **Jirmão** = João e irmão; **risilhuda** = sorriso sem graça depois de uma piada não compreendida; **jubula** = “[...] toda palavra que te emociona só de ouvir e pensar no que ela significa” (RAMOS, 2018). Com isso as invencionices de Maria contêm aquilo que Edouard Glissant (2011, p. 21) definiu como uma **poética da relação**, aquela “segundo a qual toda a identidade se prolonga numa relação com o outro”. Isso acontece por causa da brincadeira de Maria não se basear em expectativas; caso fosse, não haveria espaço para invenções e nos fixaríamos apenas numa única definição semântica para interpretar o mundo a nossa volta. Ao também propor novos significados para palavras já existentes, Maria mostra que a brincadeira recusa o universal, um sentido apenas ou uma finalidade pressuposta, invocando a pluriversalidade, o inesperado e a relação com o novo. Em sua definição de **sinusite**, assim propõe a eu-lírica: “Para mim não devia ser uma doença. Devia ser quando o sino toca tanto que atrapalha sua conversa” (RAMOS, 2018). Dessa maneira, o autor evidencia o que Martha (2012, p. 46) denomina como o “aspecto mais relevante da poesia”: ao estarem “organizadas de maneira própria, com ampla significação, para além do óbvio e do previsível, [as palavras] tornam-se símbolos, afastando qualquer possibilidade de representação lógica de conceitos ou da realidade”.

E isso é evidente na voz de Maria por meio de sua capacidade polissêmica de driblar os sentidos, capacidade essa que é democrática e produz alteridade, pois estimula a liberdade de pensamento num processo de infancialização da vida e dos modos de interpretar um mesmo fenômeno.

**Liberdeito** é difícil de explicar. Tem a ver com liberdade, mas só isso não vai bastar. Junte também com direito. De ir e vir, de ser e de estar. Sabe quando você faz uma coisa e alguém te diz: 'Não se comporte assim, para os meninos não acharem que você é isso ou aquilo?' Pois é...

Eu, cá com os meus botões, acho que os meninos é que deviam aprender a respeitar o meu jeito de ser e viver.

Eu devia ter esse **liberdeito**, não é? (RAMOS, 2018).

Infancializar é, nesse sentido, pensar com o outro, sobre o outro e sobre nós; é ressignificar as lutas e as conquistas num desejo de conciliação entre liberdade e direito, entre alegria e cumplicidade com o outro.

Kikiu

Uns chamam de cosquinha, mas pra mim **Kikiu** é diferente. Não é só encostar os dedos na minha cintura pra que eu dê uma risada. **Kikiu** é um monte de coisas juntas. É o olhar maroto que você já sabe que anuncia a cócega. [...] E, por fim, é a cosquinha acompanhada da pessoa dizendo: **Kikiu!** [...] até os três anos de idade, eu pensava que sovaco era **Kikiu**, de tanto que meu pai pegava em baixo do meu bracinho e dizia: **Kikiu!** (RAMOS, 2018).

Infancializar também é reconhecer no outro a continuidade do eu, impulsionado pela paixão e pela refutação do universalismo que pressupõe um padrão comum a todos. Infancializar é, sobretudo, um exercício de alteridade que também se faz presente em João:

Sotaque

Cada língua se acomoda  
eu não sei se é pelo vento.  
Mas uma coisa notei:  
ela muda com o tempo.  
Dizem que é a geografia,  
outros dizem que é invento.  
É oxente, é uai, é tchê,  
causa até algum tormento.  
Cada um tem o seu jeito  
de falar o que se sente.  
Não tem certo nem errado,  
só um pouco diferente. (RAMOS, 2016)

Desse modo, a ressignificação e/ou a invenção das palavras envolvem-se em uma comunicação com o outro e ao mesmo tempo com o próprio eu. Ao ouvir tanto o outro quanto a si mesmo, estabelece-se um posicionamento diante de questionamentos recorrentes do cotidiano. Isso se mostra na maneira como João refuta a pergunta comum às crianças sobre o que serão quando crescerem:

Que insistência, coisa doida,  
nem sei o que eu vou comer!  
Estou pensando, escolhendo,  
eu gosto de responder.  
Um médico, piscineiro  
ou cantor de MPB.  
Não sei se imito o papai,  
que é um grande professor,  
ou a minha prima Célia,  
que conserta até motor.  
(RAMOS, 2016).

Dessa forma, o jogo aparece nos cadernos tanto de João quanto de Maria a partir do drible representado como uma criação de espaços diante do interdito. Nessa criação novas palavras e sentidos marcam o posicionamento de tais crianças através do **pai-lírico**, que convida a nos perguntarmos: até que ponto estamos dispostos/as a superar o **adultério** em nossa escrita?

#### 4 A INFANCIALIZAÇÃO DA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na página final do **Caderno sem rimas da Maria**, Lázaro Ramos expressa a dificuldade em transpor para a tela do computador a fala da Maria sem que houvesse indicações de erro por parte do corretor ortográfico: "A maior dificuldade para escrever este livro foi lidar com o corretor de texto do meu computador que, por não reconhecer as palavras, mudava tudo o tempo todo. Que computador acachapante... acompanhante... ATRAPALHANTE!!!" (RAMOS, 2018). Essa dificuldade revela a resistência de um sistema que nega o desvio ou a subversão da norma sob pena de incorrer em erro, exigindo, por consequência, um modo padronizado de escrita e de expressão do pensamento, inviabilizando, por vezes, a criatividade em sua máxima potência. Por outro lado, o registro de tal fato, no texto, revela o cuidado do pai em não **adulterar** as invenções da filha. Trata-se de um exemplo de infancialização. Sob outra perspectiva, Sobonfu Somé (2007) destaca a importância da criança e do pensar criança para a comunidade. Sustentada pela tradição do povo Dagara (de Burkina Faso), Somé explica como o propósito de cada ser humano acontece antes mesmo do nascimento quando, num ritual, a criança, ainda no ventre materno, fala pela voz da mãe e diz qual será sua tarefa no mundo. A partir de seu nascimento, contudo, a pessoa vai, paulatinamente, esquecendo-se de seu propósito:

Depois do nascimento, os anciãos cercam a criança com as coisas que a ajudarão a lembrar e cumprir o propósito que descreveu. Quando ela chega a adolescência e passa pela iniciação, deve voltar ao tempo anterior a seu nascimento e lembrar o que disse. Isso é necessário porque crescer é um processo de esquecimento (SOMÉ, 2007, p. 69).

É possível associar esse modo de interpretar a vida e a importância da criança com as obras aqui analisadas. Ao propor, mesmo que ficcionalmente, escrever a partir de/com/para crianças, o autor em questão passou por um ritual de infancialização, responsável por torná-lo, também, criança. Uma criança que não é imaginada, não é identificada, mas relacionada com o movimento no/do próprio corpo: "Até os cinco ou seis anos, as crianças lembram-se de tudo perfeitamente, mas depois disso, algo começa a acontecer no corpo, que as faz esquecer" (SOMÉ, 2007, p. 69). Para reavivar tal criança, urge que o adulto movimente-se como criança trazendo o passado para o presente e abrindo um futuro. Visamos demonstrar como, nos livros aqui discutidos, esse processo de infancialização se fez presente na escrita de um adulto que se **fez** criança e, portanto, entendeu-se erê, em diálogo poético com João e Maria, personagens fictícias e, ao mesmo tempo, reais.

Outro diálogo a ser destacado no texto foi o encontro entre a Filosofia e a Literatura Infantil, que se uniram para mostrar as potencialidades do pensar criança para a interpretação pluriversal das coisas, oferecendo a vista de um mundo olhado "pelos olhos de uma criança" (DA GAMA; GARRIDO; VILHENA, 1996).

Num uni-verso, marcado pelo adultocentrismo, em que pensar filosoficamente relaciona-se a mais elevada capacidade de abstração e distanciamento dos modos de ser criança, propor uma análise que alia literatura infantil a conceitos filosóficos é, também, uma tentativa de infancializar nossas práticas e produções acadêmicas. O desejo é que esse exercício reverbere para outras investigações teóricas, bem como para outros estudiosos e estudiosas que, provocados/as pela ousadia de Lázaro, João e Maria, reconheçam "um jeito de fazer isso aqui mais divertido" (RAMOS, 2016).

## "TO UNDERSTAND THE ERÊ YOU GOTTA BE NAUGHTY CHILD": THE CHILDHOOD OF JOÃO AND MARIA, BY LÁZARO RAMOS\*

This article proposes to analyze the ludic expressed in Lázaro Ramos' poetics in two children's works: "Caderno de rimas de João" and "Caderno sem rimas de Maria". The theory of Children's Literature (with an emphasis on poetry) and Philosophy are used in the text to discuss the play on words as a ludic element. João and Maria, fictional characters and at the same time real, will be listed in the category of I-lyric alongside the lyrical-father, author who signs both books inspired by your children. So we will activate the image of erê (the child that lives in each human being) as the metaphor of this relationship between the writer who writes with / for the child. Thus, we will emphasize an attitude of childhood experience instead of an adult-centric attitude. In the first part of the article, we will resume moments in the history of children's literature in the West, with an emphasis on black characters in the Brazilian context, highlighting the limits of representativeness. Then we will analyze how the ludic, through play and poetry, is been expressed in the voices of João and Maria, recognizing the importance of works such as these that enhance the aesthetic-literary beauty of black children in the written text. In this sense, they're going beyond typical experiences related to racism and violence. Finally, inspired by the author, we will argue about the need also we exercise childhood experience in our literary writings and in our academic productions.

Keywords: Children's literature. Ludic. Philosophy. Childhood experience. Children.

### REFERÊNCIAS

ALVIM, Davis Moreira; MAÇÃO, Isabel Rizzi. Uma filosofia das crianças: forças, meios e invenções. In: RODRIGUES, Alexsandro. **Crianças em dissidência: narrativas desobedientes**. Salvador: Editora Devires, 2018, 71-86.

CUTI. O leitor e o leitor afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002. p. 19-36.

---

\* Agradecemos às correções de Bruno Menahem e Flávia Kunsch pela revisão do título em inglês.



DA GAMA; GARRIDO; VILHENA. **O Erê**. Epic. 1996.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Jindenge - Omo kékeré: notas desde alguns olhares africanos sobre infância e formação. In: XAVIER, Ingrid Müller; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofar: aprender e ensinar**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 41-51.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Tradução de Manuela Mendonça. Porto: Porto Editora, 2011.

GÔUVEA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial: ensaio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

MASOLO, Dismas A. Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana. In: SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 507-530.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. (Dicionários Michaelis)

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Pequena prosa sobre versos. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 45-74.

NOGUERA, Renato. Pinóquio e Kiriku: infância(s) e educação nas filosofia de Kant e Rame. In: ALENCAR, Marta Vitória *et al.* (Orgs.). **Filosofar e Ensinar a Filosofar**. São Paulo: ANPOF, 2017, p. 107-125.

NOGUERA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol e do epistemicídio na filosofia. **Revista Z Cultural** (UFRJ), v. VIII, p. 34, 2013. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/> Acesso em 26 de mar. 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Memória na palavra: notas sobre a linguagem simbólica e a oralidade no ritual do Candombe em Minas Gerais. **Revista Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, n. 24, p. 44-56, mai. 2005. Disponível em: <http://www.folcloreminas.com.br/RevistasAntigasN24.pdf#page=44>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RAMOS, Lázaro. **O caderno de rimas do João**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2015.

RAMOS, Lázaro. **O caderno sem rimas da Maria**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2018.

RODRIGUES, Alexsandro *et al.* Crianças bichas demasiadamente fabulosas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 10-25, mar – jun. 2017.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.